

Director, editor e proprietário
Antonio Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
Cidade M.
— O PELA CENSURA —
— AVENÇA —

FUNDADO EM 1932

Duas Notas

Não tinha a intenção de escrever para este número do «Notícias». Não sou profissional da Imprensa, nem mesmo me considero com aptidões para aspirar a jornalista amador. Quando aqui apareço é porque algum assunto de interesse local se me afigura de utilidade agitar, ou porque me sinto no dever de contribuir com o meu esforço para a defesa e propagação dos princípios republicanos e democráticos que constituem o meu ardente ideal. Mas sei que sou um intruso, que forço a porta de uma empresa jornalística que não é minha, abusando da generosidade inexcusável de uma hospitalidade que nunca, e algumas vezes porventura com sacrifício, se me negou, e compreendo, por isso, que devo procurar retrair-me para, pelo menos, não passar muito além do que, contando embora com um costumeado excesso de boa vontade, possa ser razoável.

Não resisto, porém, hoje, depois de ler o último número deste jornal, ao desejo de, em duas pequenas notas, me pronunciar sobre dois assuntos nele tratados, ambos interessantes e, por isso, bem dignos de atenção.

O Dr. Eduardo de Almeida, vimaranense ilustre que tanto honra a sua terra, lança a ideia de Guimarães se manifestar, em homenagem de saudosa gratidão, no centenário do nascimento de João Franco.

Todos os vimaranenses, sejam quais forem as suas convicções políticas, devem estar de acordo, e trazer o seu aplauso e colaboração às intenções generosas e nobilitantes de tão oportuna e justa iniciativa.

Sobre João Franco, como notabilíssimo homem de estado e figura proeminente da história nacional dos últimos tempos, continuo a ter a mesma impressão de sempre. Exerceu uma acção sinistra e nefasta na vida política portuguesa. Cometeu erros formidáveis, de trágicas e desastrosas consequências, que a ele próprio levaram a fundo, numa voragem assombrosa, mas com grandeza e a sua honra imaculada. No íntimo da minha consciência, condeno-o, mas admiro-o e respeito-o. Se me chamassem para glorificar o político que, na luta pelo engrandecimento de Portugal, não soube dominar os nervos que lhe inutilizaram as possibilidades enormes do seu cérebro portentoso, eu não compareceria; mas para prestar homenagem ao grande amigo de Guimarães, que nunca negou o seu préstimo, por tantos títulos valioso, para tudo que pudessem ser útil e agradável para esta terra, não hesito; sou vimaranense e, porque o sou, tanto basta para ser grato a João Franco.

Mas devo esclarecer, para não trazer em coisa alguma a minha sinceridade: João Franco prestou enormes serviços a Guimarães; era o seu dever, porque Guimarães também lhe foi sempre de uma admirável dedicação, nunca o abandonando, nas boas e más horas, com o seu voto livre, espontâneo, entusiástico, ca-

loroso. João Franco, porém, na sua actividade de tão valiosos benefícios para esta terra, não fez mais do que apoiar, proteger e executar as iniciativas que saíam da pléiade gloriosa de vimaranenses que Guimarães, nessa época, tinha a fortuna de possuir; não quero citar nomes, com receio de falhas de memória; mas, sem deslustre para muitos outros, que os havia, posso referir-me, como exemplo, a Joaquim de Meira, Eduardo Manuel d'Almeida, Francisco Agra, e Conde de Margaride; destes que, como os restantes e numerosos conterrâneos que os acompanhavam, nunca tiveram um desfalecimento na sua calorosa dedicação por Guimarães, é que partiam as propostas; levavam-nas a João Franco e ele recebia-os, de braços abertos, com nobre generosidade, correspondendo a dedicação com dedicação; e no auge do seu poder, sendo-lhe fácil voltar-lhes as costas desdenhoso, ia, decidido e contente, derrubar todos os obstáculos, a fim de lhes satisfazer a vontade.

Para glorificar João Franco, amigo de Guimarães, temos de glorificar ao mesmo tempo os vimaranenses baírristas dessa época, em que ele politicamente se apoiou, e que foram, e ainda são, razão de orgulho para esta terra.

Outro assunto de grande interesse é o do leite, tratado com a proficiência natural num médico distinto, no artigo firmado por J. Soares Leite.

Porque o signatário é vereador ilustre da Câmara actual, mais de animar são as consi-

Continua na 2.ª página.

EMBAIXADOR DO BRASIL

Deixou de exercer as funções de Embaixador do Brasil em Lisboa o ilustre Diplomata e consagrado Poeta Olegário Mariano, a quem foram prestadas homenagens de muito apreço e admiração, que bastante o devem ter sensibilizado.

Foi substituído pelo novo Embaixador Heitor Lira, que há dias chegou à capital.

Heitor Lira, que, em boa hora, o Presidente Café Filho escolheu para Embaixador do Brasil em Portugal, não é só um dos mais proficientes diplomatas do país irmão, mas também um dos mais ilustres investigadores da História comuna.

A carreira diplomática iniciou-a em 1916, com 23 anos, sendo 1.º Secretário em 1934, Conselheiro em 1937, Ministro de 2.ª classe em 1941, de 1.ª classe em 1945, Embaixador em 1952 e serviu nas seguintes capitais: Londres, Genebra, Berlim, Monteideu, Santa Sé, Lisboa, Buenos Aires, Copenhague e Otava.

Em Lisboa, esteve como Conselheiro e encarregado de Negócios de 1937 a 1939, e exerceu nessa altura, com especial relevo, o cargo de membro da Comissão Brasileira que auxiliou o Itamarati a organizar sua delegação às Comemorações dos nossos Centenários de 1940. Pode até afirmar-se que foi Heitor Lira o autor do programa brasileiro, no qual se incluía, entre outras gentilezas, a restituição a Portugal do Arquivo do Conde de Lippe, e é justo reconhecer ainda terem sido suas diligências efectuadas em 1948 que promoveram a vinda do precioso Arquivo, pois a guerra e outras circunstâncias tinham feito esquecer o cumprimento da promessa feita pelo General Francisco Pinto no ano das Comemorações.

PROMESSA

*Eu sou o pregoeiro da Esperança
Buscando um Bem que a Vida não conhece,
Fecundo alor que em mim jamais fenece,
Bordão de peregrino que não cansa!*

*A Bondade, a Justiça, a Confiança,
Que tanto e tanto Mal não esmorece,
Lucila em cada Ser e transparece
Como eterna promessa de Bonança.*

*Na humana romagem do passado,
Marcos raros de brilho deslumbrado.
Mas algo de mui grande subsiste*

*Como uma voz oculta ressoando:
Espera... continua caminhando,
Porque o Homem, ainda não existe!*

I. V. C.

HOMENAGEANDO

o COMENDADOR
Cupertino de Miranda

No sábado, dia 12, realizou-se, em Famalicão, no magnífico Hotel Garantia, um banquete de homenagem ao sr. Comendador Arthur Cupertino de Miranda, famalicense ilustre e muito digno Presidente do Conselho de Administração do importante Banco Português do Atlântico, que viu reunidos à sua volta, manifestando-lhe a mais viva simpatia e alto apreço, algumas centenas de amigos e admiradores de toda a região.

Na altura própria foram postas em merecido realce as qualidades de inteligência e de bem-fazer do homenageado, a quem também saudamos.

Conselho Municipal

Sob a presidência do Senhor Vice-Presidente da Câmara, em exercício, reuniu o Conselho Municipal, a fim de ser discutido e aprovado o Relatório da Gerência Municipal referente ao ano findo.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente apresentou cumprimentos aos respectivos Conselheiros, em virtude de ser esta a primeira sessão do Conselho recentemente eleito, declarando que aproveitava essa oportunidade para pedir aos Srs. Conselheiros a sua colaboração leal e sincera dentro das atribuições que a lei lhes confere e para que, assim e juntamente com a Câmara Municipal, cujos Vereadores se encontram animados da melhor vontade de trabalhar pelo progresso de Guimarães, se poderiam conseguir os melhores resultados da Administração do Município. A este respeito, falaram alguns Srs. Conselheiros, que, interpretando o sentir dos restantes, garantiram ao Sr. Presidente a colaboração desejada, não só porque esse dever se encontrava no espírito de todos, mas também por se tornar necessário que Guimarães entre numa fase de acentuada prosperidade.

Ainda antes da ordem do dia foram trocadas impressões sobre diversos assuntos, entre os quais o da construção do Palácio da Justiça e o da urbanização do local onde o mesmo vai ser construído. Acerca deste assunto, o Conselho deliberou enviar telegramas aos Srs. Presidente do Conselho, Ministro da Justiça e Ministro das Obras Públicas agradecendo os referidos melhoramentos e pedindo a sua protecção para outros.

Quanto ao Relatório da última gerência Municipal, igualmente usaram da palavra alguns Srs. Conselheiros, referindo-se o Sr. Mário Meneses à assistência hospitalar e à limpeza da cidade e chamando também a atenção do Sr. Presidente para a necessidade de ser actualizado o Código de Posturas Municipais.

Os Srs. Conselheiros que usaram da palavra antes da ordem do dia foram os Srs. João Martins da Costa Aldão, José de Oliveira Pinto e António Emílio Ribeiro, tendo ainda outros pedido alguns esclarecimentos, designadamente

Vem aí a

Primavera!

Por AURORA JARDIM

*Na palma da minha mão colhi
a crista de uma vagem
e meti-a no coração.*

*Na palma da minha mão colhi
um raio de poente
e meti-o no coração.*

*Na palma da minha mão colhi
polen feito mimosa
e meti-o no coração.*

*Na palma da minha mão colhi
uma nota de música
e meti-a no coração.*

Com tudo isto compus a Primavera!

*Fiquei tendo dentro de mim:
o mar,
o sol,
a flor,
a melodia.
Tudo esplendor.*

Primavera é amor.

A CONFERÊNCIA

de A. L. de Carvalho

intitular-se-á

«Desfazendo uma legenda falsa»

Promovida pelo *Notícias de Guimarães*, vai realizar-se no dia 28, às 21 horas, no Salão Nobre do Grémio do Comércio, de cuja direcção já obtivemos, para tal, a necessária autorização, a anunciada conferência pelo nosso ilustre Colaborador sr. A. L. de Carvalho, que versará o tema «Desfazendo uma legenda falsa».

O trabalho do vigoroso jornalista poderá ser escutado por todos os nossos assinantes, que ficam por este modo e desde já convidados.

sobre interesses respeitantes às freguesias rurais.

Por fim — e por unanimidade — o Conselho deliberou que da acta constasse a sua satisfação pela forma como o Sr. Engenheiro António R. de Araújo Pinheiro, ilustre Vice-Presidente da Câmara, tem desempenhado as funções do seu cargo.

Ainda antes de encerrada a sessão, foi aprovada uma deliberação da Câmara criando dois lugares de encarregados das sentinas públicas,

Perspectivas novas de bom augúrio

Expediram-se telegramas oficiais de agradecimento ao Governo porque uma aspiração da cidade vai ter realização: o Palácio da Justiça.

Se eu representasse qualquer organismo da cidade teria procedido de igual maneira. Quando se afirma que essa construção traz consigo outros melhoramentos cívicos, é evidente que a iniciação de tais obras não pode deixar de alegrar-nos.

Razão por que, se eu representasse qualquer organismo da cidade, teria feito expedir ao Governo o meu telegrama de reconhecimento.

Demais, pesa sobre Guimarães uma atmosfera de desagregação e desconfiança — não sei mesmo se de ordem política.

Interpreto esta «política» no sentido do aplauso que não devemos recusar àqueles que algo de bom fazem pela nossa terra. Estejam esses obreiros onde estiverem, na oposição ou no poder, sempre devemos colaborar na tarefa comum do engrandecimento da nossa vida local.

Se, pois, a construção do palácio da Justiça traz consigo a iniciação de mais vida a

O Presidente Café Filho vem a Guimarães

A «Tribuna da Imprensa do Rio de Janeiro», noticiou há dias, acerca da próxima visita a Portugal do Presidente da República do Brasil:

«Conquanto não esteja ainda tornado público o programa de recepção ao presidente Café Filho, podemos informar, em primeira mão, o seguinte:

O Presidente do Brasil, além da grande festa em sua honra, no Palácio da Ajuda, será recebido pelas duas Câmaras reunidas pela primeira vez na História da República, no Palácio de São Bento.

Café Filho visitará a cidade do Porto, onde lhe será oferecida uma grande recepção e irá ao Castelo de Guimarães, berço da Fundação de Portugal, em romagem simbólica, de latinidade comum ao Brasil e a Portugal.

No regresso, o Presidente, em cerimónia realizada na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, receberá as insígnias do grau de Doutor Honoris Causa.

Salienta-se que é o segundo Chefe de Estado a quem foi imposto esse honroso grau universitário. O outro Chefe de Estado foi o Generalíssimo Franco».

FEIRA ANUAL DE S. TORCATO

Realiza-se no dia 27, em S. Torcato, a Feira anual, que terá lugar das 11 às 15 horas, com bênção do gado ao meio dia.

A mesma promete ser concorrida, tendo sido estabelecidos os seguintes prémios:

Junta de bois de engorda, 1.º prémio, 100\$00; 2.º, 50\$00. Junta de bois de trabalho, 1.º prémio, 70\$00; 2.º, 50\$00. Junta de touros a 2 dentes, 1.º prémio, 70\$00; 2.º, 50\$00. Vaca cheia de primeira cria, 1.º prémio, 150\$00; 2.º, 50\$00. Junta Barrosã, 1.º prémio, 100\$00; 2.º, 50\$00. Boi de cobertura torino, 1.º prémio, 70\$00; 2.º, 50\$00. Boi de cobertura barroso, 1.º prémio, 70\$00; 2.º, 50\$00.

No mesmo dia haverá festa religiosa, conforme publicamos na secção respectiva.

Por se tratar de coincidência rara devido à Feira ser Anual e em dia certo do mês, e ainda pela sua curta duração, a Autoridade Eclesiástica permitiu a realização da mesma ao domingo,

este corpo morto, saudemos o seu advento.

Não me cabe pôr por discussão, mormente nesta altura, a localização desse edifício — se é bem, se é mal.

Esse seria um problema posto à margem da planta geral da urbanização — se é que tal coisa existe devidamente aprovada.

De qualquer maneira, o que importa na presente conjuntura é sair do ponto morto em que a cidade se encontra.

Nunca hesitei entre um edifício novo ou um edifício remendado. Sofre a terra com se instalarem os seus serviços públicos em casas existentes, não só pela fisionomia geral da urbe, como até pelo deficiente reajustamento das adaptações.

Andou o Palácio da Justiça nas promessas, e vai agora entrar na realidade. Com ele, repito, vem a projecção de outros melhoramentos, não aqueles de que o Município é capaz de realizar, mas os que nos são prometidos pelo Governo.

De entre estes, andam apontados dois: uma estátua a Mumadona e a conclusão do parque do Castelo.

O leitor menos conhecedor da história de Guimarães, desconhece quem foi Mumadona. Personagem do século X, anterior à fundação do reino, esta ilustre madona deu princípio a um Mosteiro, que veio a constituir o centro de um *burgo canonical*, erguido nas terras de *Vimaranis*.

Assim, por maneira abreviada, se fica sabendo ter sido Mumadona — o germe precursor da nossa terra.

Não era o pequeno aglomerado rústico que à volta do Mosteiro se assentou, um burgo com Carta de Foral. Não era Guimarães ainda um povo. Essa alforria só se implantara depois que o Conde D. Henrique aqui instalara a sede do *Condado Portu-galense*.

Seja como for, caso é que se toma como «princípio» Mumadona.

Se, pois, a promessa que se agita não nos fugir, levantar-se-á no plano que tem por pano de fundo o parque do Castelo, uma estátua de grande vulto, pois que o exige não só a monumentalidade do lugar, como o próprio sentido de que se reveste a figura de Mumadona.

O artista que haja de executar a *maquete* desta monja da Ordem de S. Bento, será ajudado no panejamento do hábito que lhe corresponde.

Mais ainda: não se tratando de uma qualquer monja — como se vê do seu próprio testamento — pode a imaginativa do artista conceber motivos escultóricos e arquitectónicos a dar uma ideia subjectiva que transcenda a apolagética freirática, pois não é esse o pensamento que determinou a erecção do monumento a Mumadona.

Surja, pois, a nova alvorada das realizações em projecto. Saíamos do ponto morto em que, por má fortuna, vegetamos há muito.

Qualquer discordância em que possamos estar — com ou sem razão — saibamos arrumá-la para a banda, tendo-se em vista que o pior de todos os males é — estar parado.

O parque do Castelo — que

Crónicas para maiores de 50 anos

Está a chegar o Carnaval, o velho Entrudo de há milénios, que agora se esforçam por acabar, porque a sinceridade com que nesse período se criticavam os costumes contende com os nervos de certos, que seriam visados, e, mais concretamente, por impróprio da civilização actual — como se o que se vê por aí não fosse um Entrudo pegado...

Seja como for, o certo é que o Entrudo de há 50 anos era outra coisa, alegre, bulicoso, movimentado e em que entrava toda a gente desde o mais conspícuo ao mais miserável.

Diz-se agora que era porco, andrajoso, falho de Arte e até fedorento, mas quem agora tiver para cima de 50 anos que diga se não se lhe dava de voltar a esse tempo de Entrudo de outrora, olhando para a sensoria actual.

A época começava pouco depois da festa dos Reis, logo que começavam a aparecer nas lojas «casetas», penduradas nas bandeiras das portas.

Mas onde realmente começava o Entrudo era na Romaria de Santo Amaro, em 15 de Janeiro, em que os moços da aldeia atiravam os «brilhantes» às garridas moças que ali iam propositadamente.

Era de facto encantador ver uma mocinha, nova e fresca, vestida com a colorida indumentária aldeã, que agora só se usa para «mascaradas» e paradas de «folclore», com os cabelos a brilhar dos finos papelinhos e aparas de fios doirados e prateados, de fundo cor de rosa, a avivar os olhos brilhantes e as faces rosadas.

Já se não vendem nas feiras os papelinhos de «brilhantes», aparecidos nesta época, e desapareceram também as «casetas».

A propósito de «casetas» recordo-me agora de uma expressão muito corrente, que parece ter desaparecido com as «casetas», a de designar um acontecimento que se realizava de longe em longe — só lá pelos caretas.

Tanto se tem modificado o Entrudo, que muito pouco resta de lembranças nítidas, mas ainda há alguns traços característicos.

O Entrudo começava, como digo, pelo aparecimento das «casetas», que a rapaziada comprava a vintém, as mais modestas, cor de rosa, com buracos para os olhos e boca, as sobranceiras apenas desenhadas, e cordel para a atar na cabeça.

Havia-as de feitios estravagantes, narizes esborrachados, olhos vesgos, bocas tortas, enfim o que mais cómico se podia conceber e que só certos mascarados usavam. Isso só servia para certos patucos se apresentarem isoladamente, quer em ranchos, geralmente de pedintes, aos Domingos de tarde pelas ruas da cidade, desde que começava a época.

Ora nesse tempo em que não havia descanço dominical, nem fins de semana, muita pouca gente saía de Guimarães, e por isso maior e melhor convivência havia, eram possíveis as uniões e Assembleias, e então todos compartilhavam dos divertimentos públicos.

A parte certas fantasias de crianças e jovens que andavam de casa em casa dos seus conhecimentos, os folhéis mascarados eram os carreiros, como o Bernardo, que se divertiam com máscaras a percorrerem as ruas da cidade e arrostando com os projecteis que de todos os lados lhes arremessavam.

Onde se concentravam os perseguidores destes mascarados era na esquina da Porta da Vila, junto do botequim do Fernandes, no grupo chefiado pelo Fernando Lindoso, filho do Marquês, o filho do visconde de Sendelo, os Minotes, os Amaraís e outros, que mandavam para ali um sacco de laranjas, e ai do mascarado que ali passasse.

No Liceu começavam os rapazes com as partidas aos que passavam com «rabos» de papel, letreiros elucubrativos presos nas costas, a mola presa a um fio passado nos arames da «eléctrica» e que se prendia ao chapéu depois içado até à altura de um terceiro andar, os pós de «mico» metidos pelo cachaço e faziam cócegas do diabo, sei lá que brincadeiras se faziam, e que agora

anda ligado a esta obra de ressurgimento — quando de todo estiver concluído, será a maior glória e o melhor título de recomendação para impôr Guimarães à admiração não só dos portugueses, como dos estrangeiros.

Será, sem contestação, uma realização notável, pelo seu significado nacionalista, pela grandeza incomparável dos monumentos de arte militar, civil e religiosa que ali se erguem, pela beleza panorâmica do local, finalmente, pela formosa lição cívica que ali se colherá, sob o azul do céu.

A. L. DE CARVALHO.

a presença da G. N. R. ali perto impede de se exercer.

A coisa presentemente está regulamentada de tal forma que até se doseia, por edital, a quantidade de serradura com a de «confetti» para não magoar os costados que dantes aguentavam uma laranja puxada com alma.

Mas o forte do Entrudo era nos três últimos dias, principalmente no domingo e terça; nesses dias toda a gente vinha para a rua com os fatos mais usados para arrostar com os projecteis de várias naturezas que se trocavam nos combates do Entrudo.

A rapaziada mais destacada, a «Jeunesse Dorée» da terra, os Matos Chaves, os Lindosos, Adelino Jorge, Bernardo Azenha, Gualter Martins, Alberto Margaride, alugavam carros, landaus, no Cosme e percorriam a cidade a combater com as raparigas de então.

Os carros iam fornecidos de pós de goma, destes de que se faz grude dos sapateiros, em cartuchos azuis, a 10 réis cada um, de tremoços crus e laranjas e ai vai a rapaziada, de casacos vestidos do avesso, pronta para o assalto e no propósito de empoar as fartas cabeleiras das moças que os esperavam: nas varandas, em fila e dispostas a contra atacar com camélias, que é a flor da temporada.

Os tremoços serviam para quando elas se fechavam por detrás das vidraças e produziam um telintar de granito, e as laranjas para os mascarados pedestres que encontrassem no caminho; os pós, esses eram as munições do combate propriamente dito e o fim principal da batalha.

Dividiam-se pelas ruas da cidade, mas onde a luta era mais renhida era na rua da Rainha, Santa Maria, Senhora da Guia, Carmo, Tournal e S. Dâmaso, em que viviam famílias com maior número de raparigas, e que recebiam outras de visita.

Os carros eram precedidos e rodeados de uma chusma de garotada para apanhar os cartuchos caídos à rua, e paravam em frente às varandas; os rapazes rapavam dos cartuchos, partiam-nos ao meio, e, com um rasto branco de pó, atiravam com eles à cabeça das moças, que fingiam esquivar-se para não ficarem empoadas, mas que, afinal, era o fim para que ali estavam.

Em algumas casas mais acessíveis os rapazes saltavam dos carros e marinham pelas grades para dentro das varandas e empoavam à sua vontade todas as raparigas que agarravam.

Algumas vezes fechavam-lhes as portas na cara e então intervinham os tremoços que aliás não partiam os vidros e faziam um barulho ensurdecedor.

A noite no teatro, em que, antes do aparecimento do cinema, ia à cena uma comédia por companhia contratada para a ocasião, e ainda me recordo de uma delas — o Hotel do livre câmbio — via-se um friso de raparigas todas empoadas, quais duquesas da corte de Luis XIV, as meninas Carneiro, Moniz, Teixeira, Oliveira Basto, Magalhães, cujos cabelos brancos contrastavam com a juventude dos rostos, o brilho dos olhos e o sorriso dos lábios.

No final uns «domínos» com voz de falsete arrelivam uns e outros com o «não me conheces?» e certos passos da vida particular, mas que iam ali fazer certas pessoas no bailarico que terminava para depois das duas horas?

Durante o espectáculo, em que tudo destilava alegria, nesse ambiente despreocupado surgia uma figura negra, envolvida num «domínio», herméticamente mascarada, com uma saca de veludo, a lembrar que nem tudo era alegria neste Mundo, e também havia quem sofresse — a pedir silenciosamente para os Pobres.

Simpática figura e simpática Miséria!

Havia também os bailes da Assembleia de que, há anos, deixei aqui uns traços, e nesses só se jogavam «confetti» e usavam as «bisnagas» de água de colónia e os lança-perfume.

Não eram necessárias as licenças e cada um ia mascarado como melhor entendia, e afinal toda a gente se divertia, apesar de ter de lavar a cabeça durante uns dias e escovar o fato por várias vezes.

E' claro que agora também se divertem, os que são novos, que os velhos, esses, só se recordam do Entrudo da sua mocidade...

O rescaldo desses dias eram os tremoços esquecidos nas valetas das ruas de Santa Maria e da Rainha que por lá permaneciam semanas e acabavam por grelar e deitar rebentos de palmo.

Agora, como estão proibidos os tremoços, sempre se adiantou alguma coisa no capítulo da limpeza pública...

Jugueiros-Felgueiras, 12 de Fevereiro de 1955. Continua

A. DE QUADROS FLORES.

Talhos encerrados
Por virtude das festas do Carnaval os talhos estarão abertos no dia 21, encerrando no dia 23.

Banco Português do Atlântico

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL RELATIVOS AO EXERCÍCIO DE 1954

SENHORES ACCIONISTAS:

1 — O ano de 1954 foi, sob muitos aspectos da actividade económica e do condicionalismo financeiro, acentuadamente favorável a Portugal.

O mercado monetário registou um funcionamento perfeito e o escudo manteve intacta a sua característica de moeda forte.

As iniciativas, como os negócios, beneficiaram largamente da conjuntura.

O Plano de Fomento, iniciada a sua execução em 1953 com capitais provenientes das instituições de crédito e entidades particulares, continuou a desenvolver-se em 1954, com abundante concurso das mesmas fontes.

As Bolsas, de Lisboa e do Porto, acusaram um movimento crescente e as cotações riscaram uma curva pronunciadamente ascensional.

O abandono do entesouramento e o gosto pelo investimento despertado pelas favoráveis perspectivas das Empresas Ultramarinas, das Companhias de Seguros, das Hidro-Eléctricas, ao abrigo de uma moeda sólida e estável, constituíram factores de influência decisiva no vigor do dinamismo bolsista.

Os indicadores fornecidos pelas Câmaras de Compensação denotam, por seu turno, benéfico influxo da situação monetária nos negócios.

Foi mais amplo o crédito distribuído pelo Banco de Portugal, Bancos e Caixas Económicas.

Pelo que respeita especialmente ao nosso Banco, os números são bastante expressivos para vos demonstrar, melhor do que o poderíamos fazer com palavras, o que foi a sua actividade, no exercício findo.

2 — Os depósitos subiram de 770 mil contos para um milhão cento cinquenta e dois mil contos, representando um aumento de 50 %, produto da crescente confiança do público nos nossos métodos de trabalho e na eficiência com que procuramos servir as actividades económicas, dentro da indispensável prudência.

3 — O crédito concedido pelo nosso Banco, mercê dos importantes meios de acção postos à sua disposição pelo público, atingiu novos e mais altos cimos, quer no que respeita ao comércio interno e à produção do País, quer no que toca ao movimento com o nosso Ultramar e estrangeiro, representado por importações e exportações.

O montante das letras descontadas em escudos elevou-se a dois milhões quatrocentos e catorze mil contos, contra um milhão oitocentos e cinquenta mil contos em 1953, tendo sido não menos relevantes as somas dos efeitos expressos em moeda estrangeira que negócios.

4 — Os nossos serviços de Títulos de Crédito prestaram também apreciável concurso a muitas Empresas, tradicionais ou de formação recente, que para a sua estruturação ou desenvolvimento recorreram ao mercado de capitais.

Foram vultuosas as parcelas que tomámos firme de algumas dessas emissões, tendo sido o nosso balcão um dos mais concorridos para o efeito das subscrições de capital.

5 — Fiéis ao nosso programa de expansão, aliás necessária a uma perfeita organização de crédito comercial e ao descongestionamento dos serviços das Sedes Social e Central, abrimos novas Dependências na Praça dos Restauradores, Avenida da Liberdade e Praça de Londres, na cidade de Lisboa, e no Infante, na cidade do Porto, além de uma agência em Montijo, centro corticeiro importante e outra em Faro, capital do Algarve.

Abriremos, brevemente, mais três — na cidade de Évora, Vila de Almada e Conde Barão (Lisboa), para o que já estamos devidamente autorizados.

6 — A remuneração dos nossos serviços continua a ser bastante limitada.

Apesar disso, consideramos satisfatórios os resultados obtidos no exercício findo, e que são tão somente fruto do número e grandeza das operações que nos foram propostas.

As receitas gerais atingiram Esc. 47.237.211\$59, representando um aumento de Esc. 12.604.238\$80 sobre as registadas em 1953.

Amortizados, inteiramente, o custo das instalações das novas Dependências, o dispêndio com a ampliação da mecanização dos serviços e feitas as provisões para todas as dívidas consideradas incoráveis ou de problemática cobrança, encontramos o lucro líquido de

Esc. 11.662.319\$22

sobre cuja aplicação vos submetemos a seguinte

PROPOSTA

| | |
|---|----------------|
| Para Fundo de Reserva Legal | 584.000\$00 |
| Para Dividendo (art. 27.º do Estatuto) | 3.000.000\$00 |
| Para Dividendo (elevação a 8%) | 1.000.000\$00 |
| Para Fundo de Reserva Variável | 5.416.000\$00 |
| Para efeitos do art. 9.º do Estatuto e Conta Nova | 1.662.319\$22 |
| Esc. | 11.662.319\$22 |

Se esta proposta merecer a vossa aprovação, as reservas elevar-se-ão a 40 mil contos.

7 — Cremos que todos os Srs. Accionistas desejarem acompanhar-nos na expressão dos nossos melhores votos pelo completo restabelecimento do eminente Presidente da nossa Assembleia Geral, Sr. Prof. Doutor Armindo Monteiro, a quem o nosso Banco deve relevantes serviços.

O Conselho Fiscal continuou a ser precioso cooperador da Administração, pelo que é credor de todo o nosso reconhecimento.

Os nossos Secretário-Geral e Director-Geral foram incansáveis e proficentísimos no desempenho das suas funções.

Também os Director-Adjunto, Sub-Directores, Gerentes, Procuradores, Funcionários e Correspondentes são dignos do nosso apreço e merecedores dos melhores agradecimentos pelo entusiasmo e acerto com que trabalharam.

8 — Terminou o triénio para que foram eleitos os actuais Corpos Gerentes. Deveréis, por consequência, proceder a novas eleições. Os actuais componentes dos respectivos quadros são reelegíveis. Porto, 15 de Janeiro de 1955.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

(aa) Arthur Cupertino de Miranda — Presidente

Dr. Acácio Domingos Barreiro
Dr. Alberto Pagrosa Pires de Lima
Braz Cabrita de Almeida Conde
João António Gomes de Castro (Conde de Castro)
Eng.º João Carlos Sobral Meireles
Joaquim Vinhas Cabrita
Dr. José de Castro Corte Real (Conde de Fijó)
Sylvio Arthur da Silva Perdigão

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1954

| ACTIVO | |
|-----------------------------------|-------------------|
| Caixa: | |
| Dinheiro em cofre | 80.180.252\$35 |
| Depósitos noutros Bancos | 250.129.560\$97 |
| Notas e Moedas Estrangeiras | 2.566.463\$38 |
| Banqueiros no Estrangeiro | 179.227.984\$37 |
| Carteira de Títulos | 511.904.261\$07 |
| Carteira Comercial | 35.407.544\$59 |
| Empréstimos Caucionados | 650.191.577\$68 |
| Agentes e Correspondentes no País | 41.244.939\$05 |
| Devedores e Credores: | 39.727.684\$79 |
| Em moeda Nacional | 88.867.361\$08 |
| Em moeda Estrangeira | 10.245.370\$96 |
| Participações Financeiras | 99.110.751\$94 |
| Imobilizações: | 1.175.128\$73 |
| Propriedades | 12.810.000\$00 |
| Instalações | 1\$00 |
| Esc. | 12.810.001\$00 |
| | 1.389.571.868\$65 |

PARA O "PATRIMÓNIO DOS POBRES"

Foi constituída, nesta cidade, a comissão para o Património dos Pobres, dela fazendo parte os srs. Padre Avelino Pinheiro Borda, Domingos Mendes Fernandes, Angelo Madureira, Padre Luis Gonzaga da Fonseca e António Alberto Pimenta Machado.

Ao encontro da comissão que em Guimarães se acaba de constituir para levar por diante a benemérita iniciativa do Património dos Pobres, acorrem já, segundo informações fidedignas, a senhora D. Ana Mendes Fernandes, Angelo Madureira, seu marido o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, seu filho o sr. António Alberto Pimenta Machado e a importante firma Alberto Pimenta Machado & Filhos, que concorrem com quatro moradias para esta humanitária campanha em benefício dos pobres do nosso concelho.

Sabemos que a comissão a que acima nos referimos tem encontrado, em todas as pessoas a quem se tem dirigido, as maiores facilidades, o que tornará por certo menos espinhosa a sua nobre missão.

Estamos plenamente certos que não faltarão boas vontades e colaboração prestimosa, para que a cruzada de bem-fazer agora encetada seja coroada, em breve, do maior êxito.

Felicitando a comissão, aplaudimos todos quantos vêm dando o seu apoio à benemérita jornada e oferecemos também toda a colaboração que esteja dentro das nossas possibilidades.

CAUÇÕES ESTATUTÁRIAS

| | |
|-------------------------|-------------------|
| Cauções Estatutárias | 2.150.000\$00 |
| Valores de Conta Alheia | 211.447.362\$18 |
| Contas de Ordem | 724.025.948\$07 |
| Esc. | 2.527.195.168\$90 |

PASSIVO

| | |
|-----------------------|-------------------|
| Dividendos a Pagar | 47.627\$76 |
| Depósitos: | |
| À Ordem | 1.016.321.318\$21 |
| A Prazo | 135.778.558\$07 |
| Saques Avisados | 10.434.827\$24 |
| Devedores e Credores: | |
| Em moeda Nacional | 130.797.299\$53 |
| Em moeda Estrangeira | 529.918\$62 |
| Esc. | 1.293.909.549\$43 |

CREDORES POR CAUÇÕES ESTATUTÁRIAS

| | |
|--------------------------|-----------------|
| Credores de Conta Alheia | 211.447.362\$18 |
| Contas de Ordem | 724.025.958\$07 |
| Esc. | 937.625.300\$25 |

SITUAÇÃO LÍQUIDA

| | |
|-----------------|-------------------|
| Capital | 50.000.000\$00 |
| Reservas: | |
| Legal | 5.742.566\$00 |
| Variável | 28.257.434\$00 |
| Lucros e Perdas | 34.000.000\$00 |
| Esc. | 84.000.000\$00 |
| | 11.662.319\$22 |
| Esc. | 2.327.195.168\$90 |

O Chefe da Contabilidade,
Fernando Barbosa

O Presidente do Conselho de Administração,
Arthur Cupertino de Miranda

Desenvolvimento da Conta "LUCROS e PERDAS" em 31 de Dezembro de 1954

DEVE

| | |
|---|----------------|
| Juros abonados em Depósitos à ordem, a prazo e diversos | 8.907.630\$73 |
| Contribuições e Amortizações | 10.033.270\$14 |
| Comissões abonadas aos Correspondentes | 1.276.170\$05 |
| Ordenados | 11.757.504\$70 |
| Despesas de Expediente, impressos, livros, etc. | 5.648.895\$74 |
| Saldo Positivo | 11.662.319\$22 |
| Esc. | 47.285.788\$58 |

HAVER

| | |
|---|----------------|
| Saldo proveniente do exercício anterior | 48.576\$99 |
| Receitas Gerais | 47.237.211\$59 |
| Esc. | 47.285.788\$58 |

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

O relatório, balanço e contas da gerência de 1954, apresentados pelo Conselho de Administração, foram cuidadosamente examinados por este Conselho Fiscal.

Achámos os referidos documentos exactos e merecedores da vossa inteira aprovação.

A Administração continua, criteriosamente, a impulsionar o nosso Banco naquela franca subida que, desde a sua fundação, nunca deixou de se registar, e é, por isso, credora do apreço e reconhecimento dos Senhores Accionistas.

Em particular, deveremos pôr em relevo o acentuado alargamento das actividades da nossa Instituição, através da abertura de novas dependências, e a considerável elevação da linha de Depósitos, que, por si só, dá suficiente ideia da confiança conquistada pelo nosso Banco.

Agradecemos as referências amáveis que nos são feitas pelo Conselho de Administração, e, muito cordialmente, fazemos nossos os votos formulados a respeito do Excelentíssimo Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Sentimos serem de inteira justiça as palavras de agradecimento que o relatório consigna em referência aos Senhores Secretário-Geral, Director-Geral, Director-Adjunto, Sub-Directores, Gerentes, Procuradores, demais Funcionários e Correspondentes.

Em 31 de Dezembro findo, terminaram o seu mandato os membros dos corpos sociais do nosso Banco, pelo que importa proceder à correspondente eleição.

PARECER:

- a) que devem ser aprovados o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração, bem como a sugerida aplicação do saldo da conta de resultados;
- b) que louveis o Conselho de Administração e os seus colaboradores pelo bom êxito do exercício findo;
- c) que deveis eleger os novos corpos gerentes para o triénio de 1955-1957.

Porto, 15 de Janeiro de 1955.

O CONSELHO FISCAL,

(aa) Alfredo Ferreira
António Albuquerque de Sousa Lara
António Correia de Sá (Visconde de Asseca)
João Ildefonso Bordoal
Dr. José Chaves Ferreira

meios que, aliás, também são fáceis de descobrir pela fiscalização, quando deles suspeite, e, quanto às contaminações patogénicas, elas têm o remédio triste mas eficaz, da fervura. A verificação da gordura é sempre útil porque ao interesse do público nada importa que a sua deficiência seja devida a fraude ou à debilidade das vacas; logo que o leite não atinja o mínimo legal, o leite é mau.

O sistema agora adoptado do abandono é que é péssimo e o argumento em seu favor de que é melhor nada do que pouco do muito que se pode fazer pelos processos modernos não colhe. A leiteira, segura de que não está sujeita a fiscalização alguma, faz o que lhe apetece; existindo fiscalização, mesmo deficiente, o que, aliás, ela ignora, tem medo. E para evitar injustiças, resta sempre o recurso à colheita de amostras, nos casos suspeitos, para serem analisadas nos laboratórios. Pode ser demorado mas é eficaz, é seguro, e serve para exemplo quando haja lugar para sanções.

É óptimo saber-se que já temos um vereador a quem o problema do abastecimento do leite não é indiferente; mas continuaremos na mesma enquanto alguma coisa não se fizer de prático, ainda que seja o mesmo que se fazia antigamente e se continua a fazer em muitas terras do país. Quando para mais não sirva, algo se aproveita do receio da leiteira; e ainda fica a questão da limpeza do vasilhame e das próprias portadoras do leite, bem como da maneira como ele é medido e servido ao consumidor, que podia ser resolvida em dois dias. A ciência vale muito; mas os cuidados, mesmo elementares e mínimos, também valem alguma coisa.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"
Transporte . . . 140\$00
Recebemos mais:
Anónimo em sufrágio da alma da sr.ª D. Maria Garcia Costa . . . 50\$00
A transportar . . . 190\$00
Contemplámos alguns nossos protegidos.

Médicos da Misericórdia
Foram admitidos, por ordem de classificação, ao concurso para médicos adjuntos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, os srs. Dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira, Dr. José Emilio da Luz Ribeiro Vieira de Andrade e Dr. Gonçalo Brandão Leite de Faria, ficando os dois últimos em serviço, além do quadro.

CÂMARA MUNICIPAL
Lamentamos que o facto de o último extracto da sessão camarária nos ter sido enviado bastante tarde, já mesmo depois de publicado por um colega local, nos impossibilita de lhe dar, como desejaríamos, a devida publicidade. Ficamos entretanto certos que no futuro isto se não repetirá e agradecemos que o nosso legítimo reparo seja tomado na devida consideração.
Noticiamos, todavia, que:
Da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais foi recebido o plano das expropriações a realizar para desafogo da zona envolvente do Castelo, Igreja de S. Miguel e Paço dos Duques em relação às quais foram solicitadas à Direcção Geral da Fazenda Pública as respectivas avaliações. De harmonia com o determinado por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas foi dado o conhecimento à Câmara para que possa assegurar o realoamento dos moradores respectivos no Bairro Municipal em construção de forma a poder iniciarem-se as demolições.
A Câmara tomou conhecimento da comparticipação de 74.100\$00 concedida como reforço pelo Fundo de Desemprego para execução da obra de «Conclusão do Mercado de Guimarães - 2.ª fase» e deliberou se inscrever a respectiva verba no orçamento suplementar; e resolveu agradecer a Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social o interesse manifestado em deferir a pretensão desta Câmara em criar em Guimarães um Tribunal do Trabalho, quando é certo que a Lei só permite os referidos tribunais nas sedes de Distrito e com área de jurisdição distrital.

ESCOLA ASSALTADA
Numa das últimas noites os malfetores assaltaram o edifício escolar de Santa Eulália de Fermentões, roubando alguns utensílios escolares e umas roupas das professoras, que ali as haviam deixado ficar.
Procede-se a averiguações.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
No dia 21, o nosso querido amigo e virtuoso sacerdote rev. P.ª José Ferreira Leite e o nosso prezado amigo sr. Alvaro Mendes da Silva; no dia 23, a interessante menina Maria Teresa, filha do nosso amigo sr. José de Freitas, e os nossos prezados amigos srs. José da Silva Martinho, das Taipas, Sebastião de Freitas, José Aristido Marques de Campos, conceituado industrial, tenente Pedro Machado e seus filhos a sr.ª D. Crisanta Machado e o nosso bom amigo sr. Anibal Magalhães Machado; no dia 23, a menina Maria Cândida Lage Baptista, filha do nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira, e as sr.ªs D. Ana Cândida da Cunha Machado, D. Palmira Martins Ferreira Fernandes, esposa do nosso bom amigo sr. Armando Maria Fernandes, e D. Maria da Conceição Silva Carvalho, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 24, as sr.ªs D. Rosalina de Jesus Ribeiro Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares Portilha, D. Maria Ribeiro Antunes, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Coelho, de Torres Novas; e a menina Maria da Conceição Teixeira Alves Pinto, filha do nosso bom amigo sr. Joaquim Alves Pinto, e os nossos prezados amigos srs. Guadino Pereira, João André e P.ª Arlindo Ribeiro da Cunha, ilustre escritor e professor do Seminário de Braga; no dia 25, as sr.ªs D. Cecília Pereira dos Santos, esposa do nosso bom amigo sr. Alfredo Faria Martins, e D. Maria Isabel Mendes Belo da Silva Carneiro, esposa do nosso prezado amigo e distinto Magistrado, sr. Desembargador dr. António Augusto da Silva Carneiro, e os nossos prezados amigos srs. Gaspar Ferreira Paúl, digno director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, e José Mendes Ribeiro Júnior, digno Comandante da L. P.; no dia 26, as sr.ªs D. Aurora de Freitas Saraiva e D. Maria Fernanda Glória Pereira e o nosso bom amigo sr. Francisco Macedo; no dia 27, o nosso bom amigo sr. João de Araújo e o também nosso prezado amigo e importante industrial em Vizela, sr. Joaquim de Sousa Oliveira; no dia 28, o nosso bom amigo sr. José António Xavier de Matos Guimarães e as sr.ªs D. Cecília Rosa de Sousa Martins Santos e D. Augusta Maciel de Sousa.
«Notícias de Guimarães» apresentamos-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.
Completo no dia 13 do corrente dois anos, a menina Maria Clara Carneiro de Freitas, filha do nosso amigo sr. José António de Freitas e de sua esposa a sr.ª D. Matilde Carneiro de Freitas. Desejamos-lhe longa vida e muitas felicidades.
No dia 16 fez anos a sr.ª D. Bernardina Tavares Pereira da Rocha, nossa conterrânea, esposa do nosso prezado amigo sr. sargento Ernesto da Rocha, residente no Porto, a quem felicitamos.

CASAMENTO

Na quinta-feira e no Santuário Eucarístico da Penha consorciaram-se a sr.ª D. Maria Fernanda Soares Torcato Ribeiro, filha da sr.ª D. Antónia Mendes Soares Torcato Ribeiro e do industrial, já falecido, sr. Eduardo Torcato Ribeiro, e o sr. Alberto Faria Martins, filho da sr.ª D. Maria Pereira Faria Martins e do sr. António Faria Martins, distinto contabilista.
Testemunharam o acto por parte da noiva seus tios o sr. Joaquim da Silva Xavier e esposa, sr.ª D. Aurora Torcato Ribeiro Xavier, e por parte do noivo o sr. José Rodrigues Guimarães e sua esposa a sr.ª D. Maria Rosa da Cunha Figueiredo Rodrigues.
Conduziu as alianças o menino Carlos Alberto Ribeiro Carneiro, sobrinho da noiva, e serviram de caudatárias as meninas Maria Helena Ribeiro Larangeiro, Helena Maria Ribeiro, Filipa Maria de Almeida Xavier, Teresa Maria de Almeida Xavier e Maria José de Castro Faria Martins.
Após o acto religioso foi servido a todos os convidados, que eram em elevado número, no Hotel da Penha, um fino «copo d'água».
Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Nascimentos

Na residência de seus pais, em Pevidém, nasceu o primogénito da sr.ª D. Maria do Carmo Mendes Correia Ribeiro e do sr. Amadeu Torcato Ribeiro, netinho dos con-

ceituados industriais e nossos prezados amigos srs. Alfredo Lopes Correia e José Torcato Ribeiro Júnior.
Mãe e filho estão bem. Parabéns.
— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso bom amigo sr. Vasco de Freitas Oliveira Basto. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Partidas e chegadas

Arcebispo Primaz — Esteve na sexta-feira nesta cidade a presidir a uma reunião de clero o Rev.º Sr. D. António Bento Martins Júnior.
Por via aérea partiu há dias de Lisboa, com destino a Inhambane, onde vai fixar residência, a nossa estimada conterrânea sr.ª D. Maria Lucília de Castro da Silva Guimarães, filha do nosso bom amigo sr. João A. da Silva Guimarães, que, com sua esposa, a foi acompanhar à Capital. Desejamos-lhe feliz viagem.
— Deram-nos o prazer da sua visita os nossos prezados amigos srs. Coronel António de Quadros Flores e A. Garibaldi, residentes em Felgezeiras.
— Tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. Eduardo Pizarro de Almeida, residente em Tondela.
— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Fernando Vilaça Ferreira.
— Esteve entre nós, o nosso bom amigo sr. António Luís Teixeira, de Beja.
— A passar as festas do Carnaval encontra-se entre nós o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alferes Francisco Alvaro Martins de Campos.
— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Alfredo Faria Martins.
— Esteve em Coimbra, de onde já regressou, o distinto médico e nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira.
— Com suas esposas estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Gabriel Basto, de Lisboa, e dr. João Eulálio Peixoto de Almeida, de Braga.

Doentes

Segundo notícias recebidas, continua a experimentar sensíveis melhoras o nosso prezado camarada e amigo sr. João de Deus Pereira, que foi há semanas operado em Lisboa.
— Sabemos que continua a melhorar sensivelmente, o conceituado industrial e nosso bom amigo sr. José Pinheiro Guimarães.
— Já se encontram restabelecidos o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro e sua esposa, sr.ª D. Alexandrina T. Aguiar Mendes Ribeiro, que há semanas foram vítimas de um acidente de viação, como noticiamos.
— Continuam a melhorar dos seus incómodos os nossos bons amigos srs. Augusto Joaquim da Silva Guimarães e Pedro de Sousa Carvalho.
— Entrou em franca convalescência a sr.ª D. Virgínia Ferrão, esposa do nosso bom amigo sr. Renato Ferrão.
— Continua gravemente doente o nosso bom amigo sr. João António Sampaio.
— Recolheu há dias a um quarto particular do Hospital da Ordem do Carmo, no Porto, a fim de se submeter a um tratamento, o nosso prezado amigo sr. Arnaldo de Sousa Guise, que vai experimentando sensíveis melhoras.
— Continua bastante doente a sr.ª D. Júlia de Noronha Pinto Coelho Guedes de Simões, esposa do nosso querido amigo sr. dr. Maximiano Pinto de Simões.
— Na quarta-feira recolheu à Casa de Saúde da Boavista, no Porto, onde foi submetido logo a uma operação de urgência, o nosso prezado amigo sr. João Carlos Soares.
— Encontra-se em tratamento na Santa Casa da Misericórdia, o nosso amigo sr. Domingos Pina.
— Em vias de franco restabelecimento regressou do Porto a esta cidade a sr.ª D. Lucinda dos Anjos Pimenta.
Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Vida Católica

Festa religiosa em S. Torcato

É no dia 27 de Fevereiro que a Igreja comemora na liturgia o glorioso martírio de S. Torcato. Preparai e celebri a sua Festa, acordando à novena e a todos os actos religiosos anunciados no programa.
Ao romper do dia — Missas de comunhão geral no Santuário e na Igreja Paroquial.
A's 9 horas — Missa no Santuário.
A's 10 horas — Concentração das associações religiosas e do povo da freguesia de S. Torcato na Igreja Paroquial, donde seguirão em peregrinação para o Santuário a prestar homenagem colectiva ao Santo Padroeiro e a ganhar a Indulgência Plenária.
A's 10,30 horas — Missa Solene.
A's 16,30 horas — Sermão e Precissão com a imagem do Santo, pelos terreiros do Santuário, nela se incorporando a Irmandade e todas as associações da freguesia de S. Torcato.

Paroquial de S. Sebastião

Nesta Igreja vão realizar-se nos dias de Carnaval, actos de desagravo. Hoje e terça-feira haverá, às 8 horas, missa cantada. Nos três dias, às 18 horas, adoração e bênção do SS.º Sacramento.
No dia 2 de Março, à tarde, confissão de crianças, para a comunhão pascal no dia 5 (2.º domingo da Quaresma).
A comunhão geral das senhoras e raparigas será no dia 20 de Março (4.º domingo da Quaresma), possivelmente com práticas preparatórias.
A comunhão pascal dos homens será no Domingo de Ramos.

Conferências quaresmais

Na sexta-feira, dia 25, começam no templo dos Santos Passos as conferências quaresmais, que são precedidas de via-sacra, com início às 20 horas.
— No templo de S. Francisco também haverá, a partir de domingo, conferências quaresmais, às 17 horas.

Comunhão Pascal

Realiza-se no próximo domingo, dia 27, pelas 8 horas, na igreja da Misericórdia, servindo de paroquial de S. Paio, a comunhão pascal colectiva de todas as crianças da freguesia.

Septenário de N. S. das Dores

Está a decorrer em todas as sextas-feiras, durante o lausperene, na capela da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, o septenário de N. S. das Dores, que precede a festividade que com todo o esplendor se realizará no dia 1 de Abril próximo, no templo da mesma Ordem.

Imposição das Cinzas

Realiza-se também na próxima quarta-feira, dia 23, em todas as freguesias da cidade, a comovente cerimónia da imposição das cinzas, aos fiéis.

Falec. e Sufrágios

Missa de Aniversário

Passando na quarta-feira, 23, mais um aniversário do falecimento da saudosa sr.ª D. Maria Garcia Costa, mãe do sr. dr. Manuel Ferreira da Costa, será resada naquele dia, no templo da Misericórdia, às 9 horas, missa por sua alma.
(Ver Secção «Beneficência».)

Missa do 2.º aniversário

No dia 26, na igreja da Misericórdia, serão resadas missas do 2.º aniversário do falecimento do saudoso David Cardoso da Silva Martins, às 8 e às 11 horas.
A viúva e filhos do pranteado morto agradecem a todas as pessoas amigas a assistência áqueles actos.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4146.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço deixamos de inserir neste número algumas das nossas habituais secções e vário noticiário.

António Alves Pinto

AGRADECIMENTO

A família do saudoso extinto na impossibilidade de agradecer, directamente, a todas as pessoas que compartilharam do seu enorme desgosto, apresentando-lhe condolências e honrando-a com a sua assistência ao funeral e à missa celebrada no 7.º dia do passamento do seu inesquecível marido, pai e sogro, vem por este meio testemunhar, publicamente, a todos quantos a procuraram confortar, o seu profundo e indelével reconhecimento.
Guimarães, 19 de Fevereiro de 1955. 101

VÃO CONSTRUIR-SE

14 edifícios escolares

Esteve nesta cidade o Eng.º sr. Lucas da Costa Carvalho, da Delegação de Construções de Escolas Primárias da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, que, acompanhado pelos srs. Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Vice-Presidente da Câmara Municipal, e Prof. João Roberto Teixeira Sepúlveda, procedeu à escolha de terrenos para a construção de catorze edifícios escolares, nas seguintes freguesias deste concelho: Santa Marinha da Costa, S. Miguel das Caldas (Vizela), Aباção, Guardizela, Moreira de Cónegos, Vermil, Vila Nova de Sande, S. Faustino de Vizela e Polvoreira.

RELATÓRIO

Banco Português do Atlântico

Estão publicados o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1954 do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, e bem assim o Parecer do Conselho Fiscal.
Dos vários mapas ressalta que as receitas gerais atingiram a cifra de 47.237.211\$59, e o lucro líquido, a despeito de limitações feitas, foi de 11.662.319\$22, para o qual foi proposta a seguinte aplicação: Reserva legal, 584.000\$00; dividendo, três mil contos; Reserva variável, 5.416.000\$00; reforço de dividendo, mil contos, e para efeitos do art.º 9.º do Estatuto e conta nova, 1.662.319\$22.

Câmara Municipal de Guimarães

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 16 de Março de 1955 pelas 15 horas perante a Comissão para este fim nomeada, se procederá ao Concurso Público para arrematação de uma camionete a óleos com carga útil de seis a oito mil quilos.
Guimarães, 18 de Fevereiro de 1955. 107

O Vice-Presidente da Câmara Municipal, em exercício,

Eng.º António Rodrigo de Araújo Pinheiro.

A CONSTRUTORA GUIMARANENSE

S. C. R. L.

Assembleia Geral

Convido todos os Ex.ºs Associados a comparecer na Sede Provisória (edifício da Associação Artística) sita à Rua de Gil Vicente, desta cidade, pelas 10 horas do dia 26 de Fevereiro, com a seguinte

ORDEM DO DIA

Eleição dos Corpos Sociais.

Se não se verificar número legal de associados, funcionará a Assembleia 1 hora depois com qualquer número deles.
O Presidente 108
da Assembleia Geral,
a) Torcato Mendes Simões.

Sindicato N. dos Op. da Indústria Têxtil do Distrito de Braga

Sede em Guimarães

ASSEMBLEIA GERAL CONVITE

De harmonia com as disposições legais e estatutárias, tenho a honra de convidar os Senhores Associados, em pleno gozo dos seus direitos sindicais, a reunirem em Assembleia Geral, no Domingo, dia 20 de Fevereiro, pelas nove horas, na Sede Social deste Organismo Corporativo, sita à Praça de S. Tiago n.º 34, desta cidade, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

1.ª Apreciação e aprovação do Relatório e Contas da Gerência de 1954;
2.ª Apreciação do Orçamento Ordinário para a Gerência do ano de 1955.

Se à hora marcada não comparecer número legal de Associados, esta Assembleia funcionará legalmente 1 hora

Teatro Jordão

HOJE, N.º 15 e N.º 21 HORAS

CARNAVAL

CABELEIREIRO DE SENHORAS

com Fernandel e Renée Devillers. A graciosa comédia que tanto êxito tem alcançado.
A' NOITE, colaboração da orquestra Sousa Júnior.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SEGUNDA-FEIRA, 21 -- N.º 21 HORAS

CARNAVAL

O NETO DO ZORRO

com Walter Chiari e Délia Scala. As espadas cruzam-se em cada cena... e em cada cena há uma gargalhada!
A' NOITE, colaboração da orquestra Sousa Júnior.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 22 -- N.º 21 HORAS

CARNAVAL

O COSTA D'ÁFRICA

com Vasco Santana, Laura Alves, Ribeiro, Ana Paula e Costinha. De gargalhada em gargalhada o público vai assistir ao mais divertido filme português de todos os tempos!!!
A' NOITE, colaboração da orquestra Sousa Júnior.
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 24 -- N.º 21 HORAS

REI SEM COROA

com Burt Lancaster e Joan Rice. Um dos maiores e mais amáveis espectáculos! Um filme que desafia todas as comparações.
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 26 -- N.º 21,30 HORAS

Em Sessão Popular

A ÚLTIMA AVANÇADA

com Jeff Chandler e Maureen O'Hara. (Espectáculo para maiores de 13 anos)

Ofertas e Procura

CASA --Vende-se

(Vivenda Conceição) — R. Abade Tagilde, de construção moderna, com quintal, garage, árvores de fruto e poço.
Informa: SAPATARIA OLIVA — Rua de Santo António, Telefone 40165. 77

Aos Srs. Industriais

Praia de VILA DO CONDE

Casa a 200 metros da praia própria para Colónia de Férias ou Repouso, com quintal, água canalizada, poço e 19 divisões, VENDE-SE.
Escrever para: Jorge Correia — Rua do Lidador, 133 — VILA DO CONDE. 75

ALUGA-SE

Grande dependência, própria para armazém ou escritórios. Largo Dr. João Mota Prego. Nesta Redacção se informa. 78

Vendem-se

2 bobinoires de fio cruzado 1 de 20 fusos marca «Foster»; outro de 6 fusos marca «Lee-son». Informa Mendes, Leitão & Oliveira, Lid. — Guimarães. 48

Propriedades

Rústicas e urbanas, vendem-se em Medelo (Fafe). Informa-se na Casa do Povo. Propostas a M. A. Nogueira — Rua Rodrigues Sampaio, 146 - 4.º Dto., em Lisboa. 94

Problema da Habitação

Vende-se posição de 5.ª classe, facilitando-se o pagamento. Informa esta redacção. 89

Passa-se

Estabelecimento de mercearia-fina com modelares instalações e todos os requisitos modernos. Movimento em média 30 contos mensais. Preço em conta. Motivo à vista.
Rua da Rainha — Guimarães. 90

Casa de Pasto e taberna

PASSA-SE. Bom rendimento, motivo a vista. Falar com António Ferreira da Cunha — Praça do Toural — Casa das Ferragens. 106

Perdeu-se

um anel de ouro com pedra azul desde a rua D. João I ao Campo de S. Mamede, desta cidade.
Gratifica-se a pessoa que o encontrou e o entregar nesta redacção. 105

Cão de estimação

Desapareceu na 4.ª-feira passada, de cor amarela, pequeno.
Gratifica-se a pessoa que o entregar na residência do sr. José Torcato Ribeiro Júnior — Largo da República do Brasil — Guimarães. 104

depois com qualquer número de sócios.

Guimarães, 15 de Fevereiro de 1955.

O Presidente 98
da Assembleia Geral,

José Firmino de Faria.

DESPORTO

O "NACIONAL" DE JORNADA A JORNADA

Vitória, 2. Covilhã, 3.
Vitória, 1. Lusitano, 0.

Para a história de dois pontos ganhos e dois perdidos...

A situação de sobressalto que vive o Vitória, atingiu o ponto culminante nos dois jogos realizados nos passados domingo e quarta-feira. No primeiro a equipe voltou a ter contra si a sorte do jogo. Depois de uma primeira parte de supremacia, com perdas que depois não se puderam recuperar, os vimeiranos sofrendo um golo, logo no início do segundo tempo, descontrolaram-se e praticaram um futebol desconexo. No jogo de quarta-feira, embora tivessem marcado somente uma vez, alcançaram aquele resultado que lhes permitiu entregar a lanterna vermelha ao Boavista.

Destes dois encontros podem-se tirar conclusões sobre as possibilidades futuras da equipa. Indistintamente a lesão de Rola prejudicou o poder ofensivo do onze, mas a nós, mais do que isso, aparenta-se-nos que a capacidade física de diversos elementos não é a melhor no momento presente. Excesso prolongado de treinos de bola, que nos dizem ter havido, talvez contribuam para esse estado físico. Logicamente é de ponderar esta circunstância, dado que alguns dos jogadores do Vitória têm já uma idade que não lhes permite excesso de treino.

Por outro lado concluímos que a equipe vive também cansada de lutar contra a sorte. No jogo com a Covilhã o resultado podia ser tranquilizador logo na primeira hora, mas como as perdas se sucederam, o nervosismo começou a imperar e, logo que os visitantes alcançaram o empate, verificou-se um desmoronamento total que levou a equipa à derrota. Verdade se diga que o público acompanhou-a neste estado de espírito. Assim o silêncio, durante longo tempo, imperou no campo, dando um ambiente de fatalismo que a todos contagiou. Felizmente, como reacção natural, o mesmo público no jogo de quarta-feira cumpriu o seu dever. Foi constante e persistente no seu apoio, de tal modo que a equipa nunca desfaleceu no desejo de alcançar o resultado que desse dois proveitosos pontos. Concluímos assim que o público pode influir decisivamente nos jogos que se vão seguir. Do seu apoio dependerá em grande parte os resultados que é necessário alcançar. Assim, é de lembrar bem, que quando o marcador se apresenta adverso, mais necessário é o incitamento caloroso, que faz galvanizar aqueles que no campo se empenham, como exuberantemente demonstraram nestes dois jogos a que nos estamos a referir, em alcançar os triunfos que hão-de firmar o Vitória na I Divisão.

Para o Vitória-Covilhã os vimeiranos apresentaram-se com: Lobato; Cesário e F. Costa; Elói, Cerqueira e J. da Costa; Bartolo, Rebelo, Silveira, Miguel e Bibeilino; e a Covilhã com: A. José; Heider e Martinho; Martin, Cávem I e Couceiro; C. Ferreira, Cabrita, Jacinto, Tomé e Cávem II. O Vitória marcou primeiramente, aos 5 m., por Silveira. Os covilhanenses empataram no 1.º minuto da 2.ª parte e fizeram depois mais dois golos, tendo Silveira novamente estabelecido o resultado final quando faltavam 6 m. para o jogo terminar. Arbitrou António Calheiros, de Lisboa.

No jogo Vitória-Lusitano a equipa vimeirana foi constituída por: Lobato; Cesário e F. Costa; Rebelo, Cerqueira e J. da Costa; Bartolo, Elói, Silveira, Miguel e Lutero; e a do Lusitano por: Vital; Polido e Paixão; Di Paula, Longo e Vicente; Patalino, Barbosa, Carança, Duarte e J. Pedro. O golo que deu o resultado foi obtido, cerca da meia hora da 1.ª parte, por Miguel. Foi árbitro Jaime Pires, também de Lisboa.

A classificação presentemente está ordenada do modo seguinte: Benfica, 27 p. (46-15); Belenenses, 25 p. (39-22); Sporting, 23 p. (46-20); Braga, 23 p. (39-29); Porto, 22 p. (38-20); Académica, 18 p. (40-56); Cuf, 18 p. (28-34); Atlético, 18 p. (32-34); Setúbal, 16 p. (27-32); Covilhã, 15 p. (23-36); Lusitano, 13 p. (25-36); Barcelense, 13 p. (12-29); Vitória, 11 p. (22-35); Boavista, 10 p. (19-49).

Hoje realizam-se os seguintes encontros: Belenenses - Vitória; Lusitano-Barcelense; Porto-Académica; Sporting-Atlético; Braga-Setúbal; Covilhã-Benfica; Cuf-Boavista.

O Vitória desloca-se, portanto, às Salésias para defrontar o Belenenses que no momento se encon-

tra em perseguição directa ao leader. Têm assim os vimeiranos um jogo difícil, mas se souberem organizar uma manobra que consiga envolver e dificultar a acção de Matateu, podem alcançar um resultado que surpreenda. Para isso é também fundamental que a sorte do jogo, ao contrário do que vem sendo habitual, não seja favorável, permitindo assim a surpresa que todos anseiam...

L. R.

Campeonato Nacional de JÚNIORES

Como dissemos inciou-se no passado domingo este torneio, sendo os resultados dos jogos da série a que o Vitória pertence os seguintes: Espinho, 3-Vitória, 2; Aves, 1-Progresso, 4.

Os vimeiranos, que jogaram no campo do adversário, tiveram comportamento meritório, dando mostras de poderem lutar pela permanência na prova. Batidos no final da 1.ª parte por 3-0, recuperaram optimamente, alcançando dois golos, os únicos do 2.º tempo.

Hoje para este torneio jogam às 15 horas, no Campo da Amorosa, as equipas do Vitória e do Desp. das Aves. Deve ser um encontro de muito interesse, pelo que é de prever larga frequência de associados do clube vimeirano.

TORNEIOS REGIONAIS

O Torneio de Reservas organizado pela A. F. Braga, parado já há bastante tempo por motivos da mais diversa ordem, recomeça hoje, jogando em Braga, no Estádio 28 de Maio, às 13 horas, as equipas do Vitória e do Sporting daquela cidade. O jogo é de bastante interesse, pois os vimeiranos são presentemente os melhores classificados do torneio e ainda porque vai haver a possibilidade de experimentar Gilberto que não pôde até agora dar o seu concurso à equipa do Vitória em virtude da operação que fez a um menisco.

CAMPEONATO de Ténis de Mesa

Estes torneios, mais uma vez organizados pelo Conjunto Musical «Ritmo Louco», começaram a disputar-se na passada 2.ª-feira, em duas mesas, uma instalada no Salão Nobre da Associação Artística Vimeirana e outra na sede do clube organizador, situada na Rua da Rainha. Ao mesmo concorrem as equipas representativas do clube organizador «Ritmo Louco» e ainda do Desp. F. Holanda, C. da Alegria, Mocidade Portuguesa, Grupo Campista «Aqui Nasceu Portugal», Sindicato dos Caixeiros, F. N. A. T., Grupo Cultura e Recreio, 20 Arouros e Clube de Caçadores, em número de dez.

Os torneios são constituídos por uma prova que, simultaneamente, dará uma classificação individual e uma colectiva. Conforme o decorrer dos torneios, aqui lhes faremos as referências, que merecem a exemplo do ano transacto.

Agradecemos o livre-trânsito que nos foi enviado.

LEILÃO DE PENHORES

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular

AGÊNCIA N.º 69

GUIMARÃES

Avisam-se os mutuários que no dia 29 de Março próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Filial da Caixa Geral em Braga ao leilão de penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 22 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 3 de Janeiro de 1955.

O Chefe da Repartição,
a) Francisco Cordeiro.

Empresa Industrial do Pevidém, Lid.ª

Com sede em Guimarães

Faço saber que, por escritura de 9 de Fevereiro de 1955, lavrada por mim notário, a folhas 84 e seguintes do meu livro de notas n.º 491, a sociedade acima mencionada, devidamente autorizada por despacho de 12 de Novembro do ano findo, de Sua Excelência o Subsecretário de Estado do Tesouro, procedeu à incorporação do capital social de 400.000\$00 do Fundo de Reserva, 100.000\$00 de Fundo para Liquidações e 40.000\$00 de Fundos para Despesas Judiciais, tudo no total de 540.000\$00, ficando assim autorizado o aumento do capital social que era de 300.000\$00 para 840.000\$00.

Que, consequentemente, foram por essa mesma escritura alterados vários artigos do pacto social, o qual passa a ser o seguinte:

Artigo primeiro

Esta sociedade adopta a denominação de «**Empresa Industrial do Pevidém, Limitada**», tem a sua sede em Guimarães e o seu escritório e armazém na rua de Paio Galvão, da mesma cidade de Guimarães.

Artigo segundo

O seu objecto é a indústria de fiação e tecidos de algodão, podendo ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que eles sócios acordem, com excepção do comércio bancário.

Artigo terceiro

A sua duração é por tempo indeterminado.

Artigo quarto

O capital social é de oitocentos e quarenta mil escudos, representado e dividido em seis quotas, sendo uma de duzentos e oitenta mil escudos pertencente ao sócio Alberto Pimenta Machado,

uma de cento e quarenta e cinco mil e seiscentos escudos pertencente à firma Francisco Inácio da Cunha Guimarães & Filhos, uma de oitenta e seis mil e oitocentos escudos pertencente em comum aos sócios Dona Maria de Jesus da Cunha Guimarães Vasconcelos, Dona Maria Teresa Guimarães Vasconcelos, Timóteo Guimarães Vasconcelos e Dona Maria de Lourdes Guimarães Vasconcelos, na proporção de metade para a primeira e um sexto para cada um dos três restantes, uma de cento e quarenta e dois mil e oitocentos escudos pertencente à sócia Dona Carmen da Cunha Guimarães Folhadela Marques, uma de cento e cinquenta e nove mil e seiscentos escudos pertencente à sócia Dona Maria Aida da Cunha Guimarães e uma de vinte e cinco mil e duzentos escudos pertencente à sócia Dona Maria Eduarda da Cunha Guimarães Gomes da Costa, todas já realizadas.

Artigo quinto

A cessão de cotas fica dependente do consentimento da sociedade, a qual se reserva em todo o caso o direito de preferência, e este direito, não querendo ou não podendo ela legalmente exercê-lo, pertencerá aos sócios, individualmente.

Artigo sexto

A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, pois todos ficam sendo gerentes, distribuindo-se os serviços de harmonia com o que for deliberado na assembleia geral dos sócios.

Artigo sétimo

Anualmente será dado um balanço, que se fechará com data de trinta e um de Dezembro, devendo ser apresentado à assembleia geral até ao dia trinta e um de Março seguinte.

Artigo oitavo

Dos lucros líquidos apurados em cada balanço separar-se-á uma percentagem de pelo menos cinco por cento para fundo de reserva legal e mais as percentagens que forem votadas pela assembleia geral para quaisquer outros fundos que venham a ser criados, e o remanescente será para dividendo aos sócios, na proporção das suas cotas.

Artigo nono

São inexigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios podem fazer à caixa social os suprimentos de que ela necessite, nas condições que venham a ser fixadas em Assembleia Geral.

Artigo décimo

As reuniões da Assembleia Geral da sociedade serão convocadas mediante cartas registadas dirigidas a todos os sócios com a antecedência de cinco dias, salvo os casos para que a lei exija outra forma de convocação.

Artigo décimo primeiro

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer dos sócios.

Artigo décimo segundo

Fica dispensada a autorização da sociedade para a divisão de cotas por herdeiros legítimos de sócios.

Parágrafo primeiro

Quando a um sócio suceda mais de que um herdeiro, todos deverão escolher um que os represente na sociedade, enquanto a cota estiver em comum.

Parágrafo segundo

Se os herdeiros do sócio falecido, ou algum deles, ou o representante do sócio interdito, não quiserem continuar na sociedade, ou que o seu representado nela não continue, terão direito a haver da sociedade o valor real da cota ou respectiva parte, acrescida do que lhe corresponder no fundo de reserva e noutros quaisquer fundos criados; e nos lucros relativos ao tempo decorrido desde o último balanço, calculados pelos do ano a que esse balanço respeita, adicionando-se-lhe ainda os respectivos suprimentos ou outros créditos.

Parágrafo terceiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo quarto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo quinto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo sexto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo sétimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo oitavo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo nono

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo primeiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo segundo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo terceiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo quarto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo quinto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo sexto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo sétimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo oitavo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo nono

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo primeiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo segundo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo terceiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo quarto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo quinto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo sexto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo sétimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo oitavo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo nono

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo primeiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo segundo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo terceiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo quarto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo quinto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo sexto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo sétimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo oitavo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo nono

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo primeiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo segundo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo terceiro

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo quarto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo quinto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo sexto

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo sétimo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo oitavo

O pagamento do apurado segundo o parágrafo anterior, será feito em dez prestações semestrais e iguais, acrescidas do juro do Banco de Portugal, salvo o direito de antecipação, podendo ser exigidas letras aceites pela sociedade, com avalistas idóneos.

Parágrafo décimo décimo décimo décimo nono